

Recessão se aprofunda no Brasil

■ Há três anos que a economia anda de marcha a ré, agravando situação social

CONSUELO DIEGUEZ

A economia brasileira está em marcha a ré. Há três anos consecutivos a produção industrial registra quedas, o desemprego aumenta, os salários perdem seu poder de compra e a renda per capita se comprime. Abalado pela recessão, o país não tem vitalidade para produzir o suficiente para atender à população que aumentou em 12 milhões nos últimos cinco anos. O mercado não absorve mais mão-de-obra e rejeita a que estava empregada. Empobrecido, o brasileiro come menos e cortou da dieta até mesmo o alimento mais barato: o pão, que teve uma queda de consumo de 10% este ano em relação a 1989.

Os dados do IBGE mostram que a recessão se agravou em 1992, ficando próxima à de 1983. A produção industrial caiu 5,9% em 1992; a taxa de desemprego até outubro estava em 5,5%; a renda dos trabalhadores teve uma queda real, na média, de 4,5% comparando setembro contra setembro de 1991. O PIB per capita, que no ano passado foi negativo em 1,8%, deve ficar ainda menor esse ano. Em 87 o PIB per capita era de US\$ 2.064 ao ano e em 91 tinha caído para US\$ 1.912.

Alguns setores sentiram mais fundo os efeitos da crise. É o caso da indústria na Zona Franca de Manaus, que até outubro já registrava uma queda no emprego de 40,5%. O economista Paulo Mibielli, do IBGE, acha a situação da indústria como um todo dramática, pois neste ano já acumula uma queda no emprego de 7% depois de uma redução de 10,7% em 91.

O desemprego na Zona Franca de Manaus revela ainda a intensidade da queda da renda. É que, com a recessão, os primeiros produtos a deixarem de ser consumidos são os eletrodomésticos, que custam mais. Os dados revelam

Queda dos salários entre setembro de 92 e setembro de 93

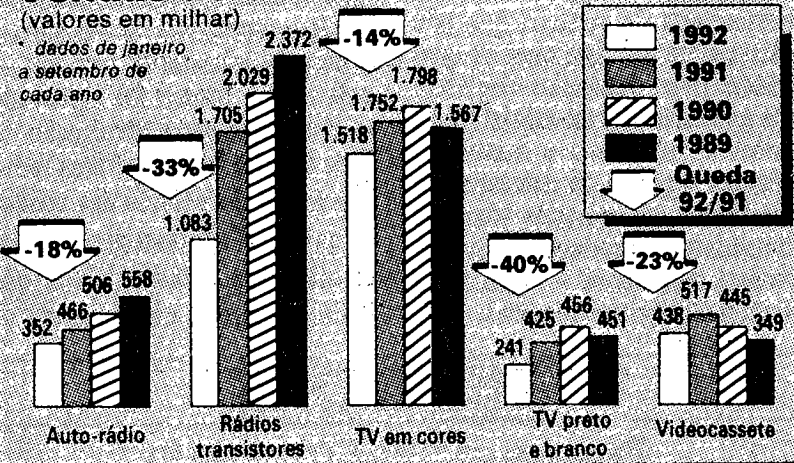
Indústria	-3,0%
Construção civil	-8,0%
Comércio	-6,0%
Serviços	-4,0%
Média total	-4,5%

Consumo per capita de alimentos (Kg)

Produto	1989	1990	1991	1992
Arroz em casca	78,2	78,1	78,2	77,5
Feijão	18,8	16,8	18,4	17,2
Óleo de soja	15,5	14,4	14,7	14,7
Trigo	52,7	52,8	53,2	49,3

Obs: Os números de 1992 foram estimados pelas entidades
Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento e Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos.

Vendas de eletrodomésticos



Fonte: Abinee

Produção industrial

1986 —	+ 10,9%
1987 —	+ 0,9%
1988 —	- 3,2%
1989 —	+ 2,9%
1990 —	- 8,9%
1991 —	+ 0,5%
1992 —	- 5,9%

PIB per capita

1986 —	+ 5,6%
1987 —	+ 1,6%
1988 —	- 2,0%
1989 —	+ 1,3%
1990 —	- 6,2%
1991 —	- 1,8%

Fonte: IBGE

Desemprego *

1986 —	3,59%
1987 —	3,73%
1988 —	3,85%
1989 —	3,35%
1990 —	4,24%
1991 —	4,89%
1992 —	5,5% *

Fonte: IBGE

* Nas regiões metropolitanas, até outubro, excluindo junho e julho

Variação no nível de emprego na indústria

1986 —	+ 11,0%
1987 —	+ 1,2%
1988 —	- 4,2%
1989 —	+ 2,1%
1990 —	- 5,4%
1991 —	- 10,2%
1992 —	- 7,0%

longe de medidas como redução artificial de juros ou congelamento de preços. "A economia só voltará a crescer quando houver confiança dos agentes de que a inflação vai cair. Caso contrário, o juro pode ir a zero que não irá estimular produção", afirma.

Os dados comprovam as afirmações de Camargo. A economia registrou crescimento expressivo em 1986, ano do Cruzado, provocado pelo aumento do consumo. No entanto, como era uma situação artificial, sem a contrapartida da produção, o país descambou novamente para a estagnação.

O economista José Júlio Senna, do Banco da Bahia, também alerta que o estímulo ao crescimento econômico, através do aumento dos gastos públicos, como ocorreu em 1986, tem um efeito danoso sobre a inflação. Além disso, as medidas artificiais produziram, segundo ele, insegurança e apatia junto ao setor privado.

Para José Márcio Camargo, o programa social ideal é aquele que contempla a educação. Sua sugestão é de que, ao invés de gastar 5% do PIB com programas assistenciais que não funcionam, o governo deveria destinar todos os recursos para a educação, incentivando as famílias a colocarem seus filhos na escola através do pagamento de salário.

também que a exportação ajudou a evitar um agravamento da crise. Os setores que conseguiram exportar, como automóveis, aumentaram produção e emprego.

Por essa razão, os economistas avaliam que um programa do governo visando estimular a indústria automobilística pode ter um efeito

importante na geração de emprego e renda. José Márcio Camargo, da PUC do Rio, especialista em salários, acha válido alguns incentivos à indústria automobilística, que puxa várias outras indústrias, que tenderiam a aumentar também a produção.

Essa solução, segundo ele, passa